

Artigo / Article

Desinformação nos meios digitais: formação semiótica e conscientização

Misinformation in digital media: semiotic teaching and awareness

Andrey Istvan Mendes Carvalho 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

andrey_carvalho@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0001-8270-0534>

Recebido em: 22/01/2024 | Aprovado em: 21/05/2024

Resumo

O presente trabalho compara a construção do corpo do ator da enunciação em dois *sites* desinformativos: a capa do site Jornal da Cidade Online, promotor de desinformação, e do site Jornal Tribuna Nacional, propagador de teorias conspiratórias, no dia 20/08/2022, às 18h10. Tal comparação visou verificar e reforçar a noção de que recursos da ordem do sensível podem direcionar a crença no dizer-verdadeiro do discurso, pondo em funcionamento um dispositivo ético (Patte, 1986) que solicita o engajamento dos sujeitos. A análise do *corpus* considerou as páginas como totalidades discursivas (Discini, 2009), buscando observar recorrências formais compartilhadas pelos discursos conspiratórios e de desinformação. Nesse sentido, dada a importância do conhecimento dessas estratégias para a instituição de um letramento crítico quanto aos discursos de desinformação (Gomes, 2019), tornou-se possível delimitar estratégias de ensino de leitura.

Palavras-chave: Desinformação • Fake News • Teorias da conspiração • Semiótica discursiva • Ensino de leitura

Abstract

This article compares the construction of the enunciation's actor in two disinformation websites: Jornal da Cidade Online, spreader of disinformation and fake news, and Jornal Tribuna Nacional, propagator of conspiracy theories; on 08/20/2022, at 6:10 pm. This comparison aimed to verify and reinforce the notion that sensitive resources of discourse construction can directly imply the belief in the truthiness of the speech, activating an ethical device (Patte, 1986)

that requests the engagement of the subjects. The corpus analysis considered the pages as discursive totalities (Discini, 2009), seeking to observe formal recurrences shared by conspiratorial and disinformation discourses. In this sense, given the importance of knowing these strategies for the institution of critical literacy regarding disinformation discourses (Gomes, 2019), it became possible to delimit reading teaching strategies.

Keywords: Misinformation • Fake news • Conspiracy theories • Discursive semiotics • Reading teaching

Introdução

Se há, hoje, algo que ocupa posição premente nos estudos da linguagem em perspectivas discursivo-interacionais é toda uma classe de discursos e práticas chamadas de desinformação. Esse termo, tradução para o português da expressão inglesa *misinformation*, abarca diferentes fenômenos, ainda a serem completamente compreendidos, em especial dos meios digitais e das *medias*, caracterizados por uma distorção, reconstrução ou negação de conhecimentos e informações produzidos por instâncias socialmente legitimadas do saber (universidades, imprensa séria, órgãos governamentais etc.). Tal premência deve-se, acima de tudo, pelo impacto que tais práticas discursivas apresentam para além do “mundo da linguagem”, com reflexos cada vez mais nefastos em fazeres sociais e políticos, baseando atitudes de preconceito, intolerância e ódio.

Esse impacto, no entanto, não se faz possível em um vazio, ou seja: os discursos não operam em um vácuo e não surgem no mundo por portais. Sua eficiência depende, fundamentalmente, de disposições dos sujeitos que operam a troca comunicativa, enunciadore e enunciatários, em posturas de engajamento frente aos diferentes valores e fazeres a que tais práticas discursivas podem direcioná-los. O que veremos no presente trabalho é como, por sua construção discursiva, a desinformação consegue dirigir os sujeitos, usando do estabelecimento de relações de crença e de confiança, a diferentes fazeres pragmáticos odiosos e como, igualmente, consegue dissuadi-lo de outros fazeres, como a compreensão e a empatia.

O presente artigo, nesse sentido, pautado pela teoria semiótica de linha francesa, busca pensar os discursos de desinformação nos meios digitais, nomeadamente os de fake news e teorias da conspiração representados, nesse trabalho, por páginas dos portais Jornal Tribuna Nacional e Jornal da Cidade Online. Partimos, assim, da hipótese de que a instauração de uma relação de confiança entre os parceiros da enunciação que fundamenta a aceitação desses discursos como verdades e, no limite, direcionam o leitor a fazeres intolerantes e preconceituosos, partilhando desses valores. Esboçamos, por fim, algumas questões que devam ser consideradas pelo formador de leitores para enfrentar ou, no mínimo, minorar os prejuízos que esses discursos podem causar para o corpo social.

1 Alguns pressupostos da semiótica de linha francesa

Sendo uma teoria do discurso pautada numa perspectiva enunciativo-interacional, a semiótica preocupa-se com os processos de significação (Bertrand, 2003). Em outras palavras, tal área caracteriza-se como o estudo que busca compreender os mecanismos pelos quais os diferentes objetos e práticas semióticas constroem-se enquanto portadoras de sentidos. Preocupados, assim, com a problemática do fazer sentido, os estudos na semiótica de linha francesa desenvolveram um aparato teórico-analítico centrado no Percorso Gerativo da Significação, doravante PGS.

O PGS baseia-se na hipótese de que a significação não é um dado, mas construída através de diferentes operações de construção de significados, sendo, portanto, gerada em diferentes níveis que, atuando em conjunto, dão existência aos objetos semióticos (Greimas e Courtés, 1989). Em um primeiro nível do percurso, o nível das estruturas elementares, são construídas as oposições de valores que servem de base para o discurso e as apreensões do sujeito produtor do discurso frente a esses valores. Assim, uma oposição elementar, como liberdade vs. opressão, é configurada pelo sujeito com base nas categorias típicas de euforia (desejável, agradável) e disforia (indesejável, desagradável), e/ou com base em valorações axiológicas de valor positivo (aceitável, moral) e negativo (inaceitável, imoral).

Vale ressaltar, nesse sentido, que ao falarmos de oposições, não entendemos uma exclusão mútua, mas sim uma continuidade que vai da liberdade à opressão, ou da opressão à liberdade, em que o sujeito, na produção do sentido, condensa de forma mais visível um ou outro elemento em cada etapa da narrativa. Desse modo, os percursos do sujeito no nível elementares são entendidos como os maiores afastamentos ou aproximações de um ou outro polo (Fontanille e Zilberberg, 2001; Zilberberg, 2011).

O segundo nível do PGS, o das estruturas semionarrativas, constrói as mudanças de estado apresentadas no discurso. Essas mudanças de estado são caracterizadas pelas maiores ou menores aproximações dos sujeitos para com os valores intuídos no nível elementar. Em outras palavras, no nível semionarrativo, os sujeitos são caracterizados por suas relações com as modalidades, que se dividem em quatro tipos (Fontanille e Zilberberg, 2001). As modalidades potencializantes, /assumir/ e /aderir/, dizem respeito aos estados e competências latentes no sujeito, em que diferentes objetos-discursos se tornam “parte” do universo que o constitui, enquanto as virtualizantes, /dever/ e /querer/, tratam da relação do sujeito com os objetos e valores que não estão presentes a ele. O /saber/ e o /poder/, atualizantes, dizem respeito às mudanças que permitem com que o sujeito se torne realizado, ou seja, conjunto aos objetos e valores, modalizando-se pelo /ser/ ou pelo /fazer/, ou mesmo por ambos.

O terceiro nível do PGS, o discursivo, se constrói pelo revestimento dos percursos construídos no nível semionarrativo por temas, figuras e atores (Fiorin, 1998). Por exemplo, pensando nos valores que apontamos para o nível elementar, opressão vs. liberdade, num discurso que defenda um posicionamento típico da esquerda, a oposição pode ser tematizada

pelo par capitalismo vs. comunismo, figurativizada pelo par agronegócio latifundiário vs. pequenos produtores, actorializada em burgueses vs. proletários. Pelo outro lado, um discurso que apresente posicionamentos de direita, uma tematização seria trabalho assalariado vs. empreendedorismo, uma figurativização possível seria o par progresso vs. tradição e uma actorialização seria militantes vs. maioria silenciosa.

Realizadas as operações presentes no PGS, constitui-se o que se entende como o plano de conteúdo dos objetos semióticos. Esse plano, em linhas gerais, é apreendido pelo analista quando na análise dos objetos. A análise, nesse sentido, parte do que chamamos de plano da expressão, ou seja, da materialidade sensorialmente perceptível dos textos/objetos. Assim, quando pensamos em discursos como textos verbais, pensamos num plano de expressão linguístico; se não-verbal, podemos pensar em planos de expressão imagéticos; ou mesmo um plano de expressão sincrético, que reúne diferentes linguagens para a materialização de um discurso. Essa reunião de um plano de expressão e de um plano de conteúdo, por meio dos processos de textualização, dá origem ao objeto semiótico, ou texto, de modo que todas as operações apresentadas, do nível elementar do PGS, pelo plano de conteúdo, até as da dimensão cromática do plano de expressão das pinturas, por exemplo, quando operadas em conjunto, constituem o que chamamos semiose (Bertrand, 2003; Fontanille, 2019).

Construído enquanto objeto semiótico, o discurso passa a fazer parte das trocas comunicativas que se estabelecem entre os diferentes sujeitos. Essa economia comunicativa, no entanto, funciona como uma espécie de baliza para a semiose. As trocas comunicativas funcionam levando os objetos semióticos aos níveis das estratégias, práticas, formas de vida, e mesmo da cultura, expandindo as considerações que podem ser feitas sobre os diferentes níveis do PGS e sobre a significação enquanto fenômeno humano. Nesse sentido, a programação discursiva é constituída pela série de escolhas realizadas pelo sujeito na construção do objeto: quais signos servirão de temas, figuras, atores, qual linguagem servirá à textualização, quais elementos do plano da expressão estarão homólogos aos do plano do conteúdo etc. (Fiorin, 2000). Essas escolhas, assim, visam tornar efetivo o fazer-persuasivo desse sujeito, ou seja, tornar o discurso mais eficiente no sentido de convencer o outro quanto a sua validade. Em outras palavras, as operações do PGS garantem que o objeto semiótico, em especial os valores e representações que veicula, sejam aceitos enquanto legítimos. Nesse sentido, por serem frutos de escolhas de um sujeito, elas passam a delimitar a silhueta de um ator da enunciação e constroem um corpo para esse ator, uma imagem identificável e recorrente nessas estratégias (Discini, 2009; 2015).

Essa aceitação dá-se pela predominância de determinadas estratégias na construção do discurso. De um lado, as estratégias sensíveis visam afetar o outro, de modo que o convencimento se dê pela interação sensível, ou seja, o sujeito manipula os afetos do outro para que, afetado, passe a aceitar os valores e representações veiculadas pelos objetos (Landowski, 1992). Por outro lado, pode ser necessário o uso de estratégias inteligíveis, que construam uma

racionalidade discursiva aceitável para os padrões estabelecidos pelo outro que, por essa racionalidade, assume os valores (Landowski, 2014).

2 Teorias da conspiração, fake news e desinformação: definindo conceitos

Sejam as conspirações mais tradicionalmente definidas, sejam as mais *avant-guarde*, sempre se faz presente em tais discursos a noção de que os arranjos que garantem a sua existência não são evidentes; em outras palavras, conspirar é um fazer secreto e a conspiração é o conjunto de estratégias que garante a realização desse fazer. As Teorias da Conspiração (TdC) aparecem, entendendo o termo como um conceito operacional, perfazendo um desafio a essa ordem secreta, tentando mostrar o que deve ser escondido e, no extremo, impedir a conspiração. Existem, portanto, na construção das TdC, duas narrativas em jogo: aquela do teórico da conspiração - a narrativa que constroem para si como sujeitos conhecedores de uma verdade secreta contra a qual atuam - e a narrativa dos nefastos e ameaçadores conspiradores – os antissujeitos.

Nesse sentido, entendendo-as como construções discursivas, John Byford (2011, p. 23-24) argumenta que as TdC se aproximam, em alguma medida, de formas racionais e legitimadas de produção de conhecimento, visto a existência já constatada de diversas conspirações ao longo da história e da presença, de fato, de causas inicialmente ocultas para diversos fenômenos, principalmente sociais. Assim, de acordo com o autor, qualificar determinada construção discursiva enquanto TdC pode ser muito mais um artifício argumentativo do que, efetivamente, um julgamento sobre a validade do conhecimento ali proposto, visto que as TdC mobilizam saberes contra saberes: saberes dos supostos conspiradores e saberes dos teóricos da conspiração. Além disso, como aponta Knight (2001), as TdC têm atuado, há décadas, como base para a construção de diferentes produtos culturais, desde séries de televisão a livros e mesmo discursos demagógicos. Por esse caminho, o conspiracionismo tornou-se um fenômeno cultural normalizado e visto, por muito tempo, como inofensivo.

De modo não tão inofensivo, circulando junto a outros modos de construção discursiva, como o sensacionalismo, as fake news aparecem e são entendidas, originalmente, como “artigos da imprensa que são intencionalmente, e que podem ser provados como, falsos, podendo levar os leitores a má-interpretações [da realidade]”¹ (Allcott e Gentzkow, 2017, p. 213). Tal fenômeno, no entanto, já se expandiu para muito além dessa abordagem original. Assim, o alcance de tais práticas discursivas dificulta a sua definição, motivo pelo qual tal nomenclatura

¹ No original: “We define “fake news” to be news articles that are intentionally and verifiably false, and could mislead readers.”

tem sido rechaçada por teóricos da área da comunicação². Nesse sentido, assim como no caso das teorias das conspirações, qualificar um discurso enquanto fake news atua, em muitos casos, muito mais como ferramenta retórica do que, efetivamente, um entendimento sobre sua construção e sua validade.

Esse valor intrinsecamente argumentativo de tais conceitos que permite, no entanto, a proliferação desses discursos na esfera política: não sendo possível defini-los precisamente, torna-se quase impossível combatê-los de forma efetiva, cabendo mesmo se referir ao discurso que refuta fake news como sendo uma fake news, a depender do leitor. Kalil Filho (2019), encarando esse desafio, apresenta uma definição ampla do que pode ser considerado como fake news:

todo texto por meio do qual as instâncias tradicionais de mediação de informação e construção ética da verdade são questionadas paralelamente ao uso de estratégias enunciativas de apagamento ou melindre da instância de autoria — o ator da enunciação para a semiótica discursiva (Kalil Filho, 2019, p. 207).

Essa definição, ainda que bastante coerente, apresenta um desafio no que se refere ao apagamento ou melindre da autoria, visto que, hoje, as fake news são assumidas por sujeitos muitas vezes identificados como porta-vozes de grupos políticos-ideológicos, em redes sociais e sites. Por esse motivo, reteremos desta definição apenas sua primeira parte e a levamos além das fake news, considerando o fenômeno mais amplo da desinformação como *todo texto ou prática discursiva que põe em tensionamento as formas de conhecimento e informação propostas pelas instâncias socialmente legitimadas do saber*. Isso é o que nos permite integrar, em nossas considerações, tanto as fake news quanto as TdC, mesmo que essas duas construções sejam, de maneira geral, tratadas como fenômenos distintos.

3 Nosso corpus: Jornal da Cidade Online e Jornal Tribuna Nacional

O tensionamento entre os discursos de desinformação e as instâncias legitimadas do saber, muitas vezes, se dá por meio da emulação. É interessante, nesse sentido, que nossas duas fontes principais de análise tenham o nome de ‘jornal’. A primeira, Jornal da Cidade Online (JCO), é alvo recorrente de campanhas e investigações pela propagação de notícias falsas e ré em mais de 100 processos cíveis, criminais e eleitorais, de acordo com consulta ao site JusBrasil; a segunda, Jornal Tribuna Nacional (JTN), compromissada com uma “linha editorial conservadora e crítica, em que a pluralidade e o apreço aos fatos que a grande mídia não mostra

² Em um artigo de revisão de literatura, Tandoc, Lim e Ling (2018) encontraram ao menos seis práticas distintas tratadas sob o nome “fake news”: sátiras jornalísticas, paródias, fabricação de notícias, fotomanipulações, jornalismo patrocinado e publicidade jornalística.

são as bases de toda a nossa essência”³, tem forte presença virtual, em especial na rede social *Telegram*, onde seu canal apresenta mais de 2 mil inscritos. Essa presença em plataformas de mensagens foi reforçada, especialmente, após a retirada do portal do ar, em 19/12/2023, após decisão do Juiz Federal André Bonfadini, do TJ-RJ. (Menezes, 2023) Tomamos por base, para nossas considerações, o salvamento das páginas iniciais dos sites no dia 20/08/2022, primeiro domingo de campanha do primeiro turno das eleições gerais de 2022.

4 Uma aproximação panorâmica aos discursos desinformativos

A primeira grande constatação a ser feita quanto a esses portais difusores de desinformação é a sua semelhança com páginas de veículos da imprensa séria. A página inicial do JCO, nesse sentido, apresenta um link para seus editoriais, divulgação de uma revista ligada ao mesmo grupo empresarial, links para redes sociais, além do oferecimento de assinaturas e aplicativos oficiais (ver Figura 1).

Figura 1. Página inicial do site “Jornal da Cidade Online”, no dia 20/08/2022.



Fonte: Jornal da Cidade Online (2022).

A configuração cromática da página, em cores frias sobre um fundo branco, aproxima-se daquela encontrada em portais já tradicionais do jornalismo brasileiro, como *O Estado de São Paulo* e *O Globo*. A configuração topológica, relativa à disposição espacial dos elementos visuais, direciona percursos de leitura semelhantes aos jornais impressos, com as principais

³ Informação extraída da sessão “Quem somos”, outrora disponível em: <https://tribunanacional.com.br/2/quem-somos>.

manchetes do lado esquerdo e no topo e a leitura prosseguindo à direita e abaixo, construindo uma hierarquia visual já conhecida dos leitores. O uso farto de imagens, acompanhando cada uma das manchetes, estabelece quase sempre relações de redimensionamento, em que “o verbal, tanto quanto o visual, pode preencher silêncios, omissões, reticências, de modo que uma linguagem concretize aquilo que está pressuposto, sugerido ou imaginado na outra” (Gomes, 2008, p. 77): o dedo em riste na fotografia que acompanha a manchete sobre o presidente Lula amplia os sentidos do suposto ataque realizado a padres e pastores, direcionando o entendimento de uma postura de combate, sugerindo que, para além do ataque retórico, o ator retratado tem disposição para transpor suas falas em atos; o sorriso dos atores, aliados de Lula, que cercam o deputado André Janones, responsabilizado pela “afirmação gravíssima”, constrói um efeito de cumplicidade entre eles que, pelo expresso no verbal, passa a incluir também o ministro Alexandre de Moraes. A extrapolação de conteúdos, nesse sentido, mira fortalecer os “fatos”, denúncias e posturas construídos nas manchetes.

A página do JTN (ver Figura 2), por outro lado, oferece logo de início uma espécie de *menu* com as principais notícias, negando a ordem de leitura tradicional presente no JCO (manchetes principais, manchetes secundárias, colunas), privilegiando modos de leitura próprios do meio virtual. Assim, a hierarquia das informações é amenizada em nome da construção de uma espécie de painel, numa leitura panorâmica que transpõe topologicamente o efeito de amplitude das informações disponíveis. A página inicial, por meio do recurso de rolagem infinita, prossegue indefinidamente exibindo links para páginas cada vez mais antigas. Desse modo, a imersão do leitor se caracteriza por uma espécie de assomo diante da quantidade de “conhecimento” disponível. Assim, passado o painel de destaque apresentado (ver Figura 2), a página prossegue em painéis semelhantes, propondo percursos de leitura instáveis, não hierarquizados, igualando as mais diversas temáticas em importância e destaque.

As fotografias e ilustrações que acompanham as manchetes, nesse sentido, apresentam relações mais diversas, como a ressignificação, transformando o dizer de uma linguagem pelo da outra (Gomes, 2008, p. 78), como na manchete sobre as vacinações de mRNA em que o globo terrestre nas mãos do cientista pronto para ser vacinado, em vez de servir de expressão ao esforço de vacinação global, é recolocado como um uso de todo o mundo para experimentos científicos. Cabe, também, ressaltar o redimensionamento, em que a figura tranquila do presidente Joe Biden é responsabilizada pelo cenário de aumento da imigração ilegal citado na manchete: “ILUSÃO DE SEGURANÇA: Biden constrói muro de US\$ 500.000 ao redor de sua casa de praia, enquanto imigração ilegal atinge recorde”.

Figura 2. Página inicial do site “Jornal Tribuna Nacional”, em 20/08/2022.



Fonte: Jornal Tribuna Nacional (2022).

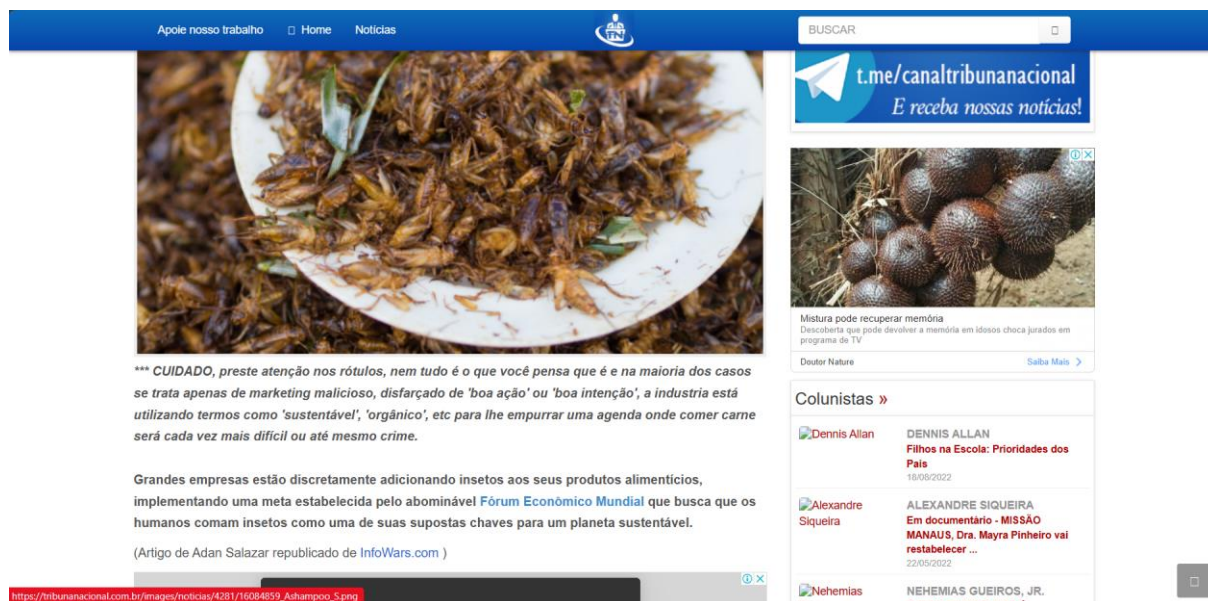
Os recursos da ordem do sensível, nessas práticas, se centram no estabelecimento de uma representação catastrófica da realidade. Esse cenário se dá pela exposição das oposições como uma luta entre o bem e o mal, elevando o nível das relações expostas como uma questão de sensibilidade extrema, sob a qual seja inviável não se posicionar. Assim, no plano da expressão, são notáveis os contrastes de cores, os usos de caixa alta, sinais de pontuação que quebram a ordem natural de leitura, o uso onipresente de imagens hiperbólicas etc.

Figura 3. Trecho de reportagem do site Jornal Tribuna Nacional.



Fonte: Jornal Tribuna Nacional (2022).

Figura 4. Outro trecho de reportagem do portal Jornal Tribuna Nacional.



Fonte: Jornal Tribuna Nacional (2022).

A figura 3 e a figura 4 apresentam marcante contraste cromático, com tarjas em cores opostas encimando a página, e uma grande imagem de um prato cheio de gafanhotos. O uso de caixas altas, assim, em determinados itens lexicais, como a forma verbal “VAI”, cria certa instabilidade interpretativa para o enunciado, já que a forma do presente do indicativo e do imperativo do verbo “ir”, nesse sentido, são iguais: a leitura do enunciado apresenta, assim, um tom desafiador, em que o enunciador indaga enfaticamente o enunciatário como se emulando uma ordem. No mesmo sentido, na legenda da imagem, podemos ver o uso de asteriscos para dar ainda mais destaque à palavra “CUIDADO”, já escrita em caixa alta. Assim, toda a superfície visual da página busca criar um efeito de exacerbação que impressione o enunciatário, levando a apreensão e ao desespero característico da paranoia conspiracionista de que trata Hofstadter (1996), que trataremos em detalhes adiante.

5 Delimitando enunciadores e enunciatários: os perfis de desinformados e desinformadores

O que vemos na página inicial de ambos os sites é um apelo às estratégias de construção da crença e da confiança apontadas por Barros (2020) como caracterizante dos discursos mentirosos na internet. Assim, a gradação da verdade à falsidade, em que a aceitação de notícias verdadeiras leva a construção de notícias falsas, parece presente de modo indiscriminado na página inicial do JCO: a derrota judicial de Lula, referida na manchete, refere-se a um processo em que solicitava a retirada de redes sociais de postagem que ligavam o Partido dos Trabalhadores à facção criminosa PCC. Assim, ainda que derrota judicial tenha de fato sido noticiada, a reportagem linkada traz apenas uma reprodução das postagens que propõem tal relação, além

LINHA D'ÁGUA

de apresentar, logo de início, um juízo depreciativo do estado da campanha eleitoral do líder petista: “A situação de Lula e do PT está se complicando nesse início de campanha eleitoral. Tudo começou a dar errado. Eventos esvaziados, desânimo e derrotas judiciais”.

A página do JTN, no mesmo sentido, utiliza-se de diferentes empregos das pessoas do discurso em suas reportagens, intercalando formas em primeira, segunda e terceira pessoa, com efeitos de “aproximação emocional e sensorial entre o destinador, que viu, viveu e sentiu o que está contando, e o destinatário”, além de uma “ilusão de isenção do destinador” (Barros, 2020, p. 19). É praxe, nesse site, que todas as notícias se encerrem com o dizer “Compartilhe esta notícia, muitos precisam despertar para a realidade”, interpelando diretamente o enunciatário. Com esse dizer, o enunciador se mostra como aquele que desvela um segredo, qualificando seu enunciatário como um sujeito desperto para a realidade, ciente de uma verdade mais verdadeira, de certa forma, que aquela veiculada pelas instâncias legitimadas do saber e sendo, por isso, digno de confiança. A verdade instituída, desse modo, é negada por ser parte de complôs globalistas, como na manchete “VENDIDOS: mais de 100.000 ‘primeiros socorristas digitais’ recrutados pela ONU para impulsionar a narrativa do establishment”, e são afirmadas falsidades, como a de que essa iniciativa de combate à desinformação promovida pela ONU se trata de uma censura ideológica da internet, numa estratégia já apontada por Barros (2022) em relação aos discursos de TdC.

As duas práticas discursivas analisadas anteriormente têm mais um elemento em comum: o esforço em serem aceitas, apesar de tudo, como verdade. Esse esforço visa reconfigurar os conhecimentos e as crenças dos enunciatários, incutindo valores e certezas ligadas àquilo que o destinador tem por objetivo. Assim, por meio de uma série de atos epistêmicos, tratados pela semiótica como juízos de reconhecimento da verdade de um enunciado e de transformação do estatuto epistêmico de outros enunciados correlacionados (Greimas, 2014), discursos entendidos inicialmente como inverídicos, improváveis de serem verdadeiros, são pouco a pouco tomados por certezas pelo enunciatário. A certeza, nesse sentido, é caracterizada por uma posição tônica, em que o sujeito adere a esses conhecimentos de maneira intensa⁴, fechando-se para conhecimentos que possam estabelecer o contraditório. O estabelecimento, portanto, seja da crença ou da confiança visa, em última análise, tornar o sujeito impermeável a outros discursos, assumindo como verdades apenas aqueles condizentes com o esquema de valores proposto pelo destinador-enunciador.

O que vemos na página do site JCO é um esforço de incutir no enunciatário saberes e crenças que são, caracteristicamente, por seus temas, figuras e atores, do campo ideológico da direita. Assim, a religiosidade é exaltada, pela construção de padres e religiosos como vítimas de ataques “absurdos e covardes” por parte de atores “insanos e desesperados”. Carregam-se,

⁴ A semiótica, em especial os estudos tensivos, consideram a intensidade como ligada aos afetos e estados de alma do sujeito. Assim, uma grandeza intensa apresenta-se para o sujeito como possuidora de uma carga sensível mais elevada, enquanto seu posicionamento inteligível-racional é mais débil. (cf. Zilberberg, 2011; em especial o capítulo “Das valências tensivas aos valores semióticos”).

nesse sentido, as tintas quanto à caracterização dos atores apresentados no enunciado, em especial a figura do presidente Lula, referido como “meliante” e “ex-presidiário”. Do mesmo modo, a figura de um ator da enunciação que desvela um segredo reaparece, mesmo sendo esse um elemento marcante não das fake news, mas das teorias da conspiração.

Na reportagem linkada na manchete “Em afirmação gravíssima, aliado de Lula expõe ativismo judicial e envolve ‘Xandão’” (Ver figura 5), surge aquilo que Hofstadter (1996) caracteriza como o “estilo paranoide” característico das TdC: oferece-se uma interpretação de um tweet do deputado André Janones como sendo a prova cabal de uma conspiração judiciária que envolve atores de esquerda e ministros do Supremo Tribunal Federal, uma superinterpretação no sentido que a dá Umberto Eco (2005). Assim, conteúdos corriqueiros, insignificantes, e com uma semântica que, no contexto amplo, seria inofensiva, é lido por meio de uma paranoia que enxerga, nos menores indícios, provas cabais das teorias construídas.⁵

Figura 5. Trecho da reportagem “Em afirmação gravíssima, aliado de Lula expõe ativismo judicial e envolve ‘Xandão’”

Uma publicação do deputado federal André Janones (Avante-MG) voltou a trazer à tona um assunto delicadíssimo na esfera política e jurídica brasileira.

"Luciano, pode vir com o processinho mas lembra que eu tenho foro privilegiado tá? Quem julga é o Xandão!" , escreveu o político que declarou apoio a Lula e tem assumido uma posição de destaque na campanha do petista à presidência da República.



A fala, em que deixa escancarado que sente-se protegido ‘pelo ativismo judicial’ e, ainda mais grave, dá a entender que sairia vitorioso em processos julgados pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) e atual presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Alexandre de Moraes, é uma grande provocação a todo o sistema.

Fonte: Jornal da Cidade Online (2022).

⁵ Não se deve confundir, com isso, o estilo paranoide dos teóricos da conspiração com a identificação dos chamados “apitos de cachorros”. Essas práticas que se dão por meio do direcionamento de mensagens cifradas a grupos específicos, em geral intolerantes, dizem respeito a simbologias próprias desses grupos veiculadas em contextos mais amplos, em que indivíduos não pertencentes a esses grupos seriam incapazes de identificá-las. A relação entre ambos, no entanto, é clara: é a paranoia dos teóricos da conspiração, que identificamos com grupos intolerantes, que faz com que eles sejam capazes de identificar estes “apitos”, de modo que os sujeitos que buscam exercer poder sobre esses grupos passam a usá-los com a certeza de sua efetividade.

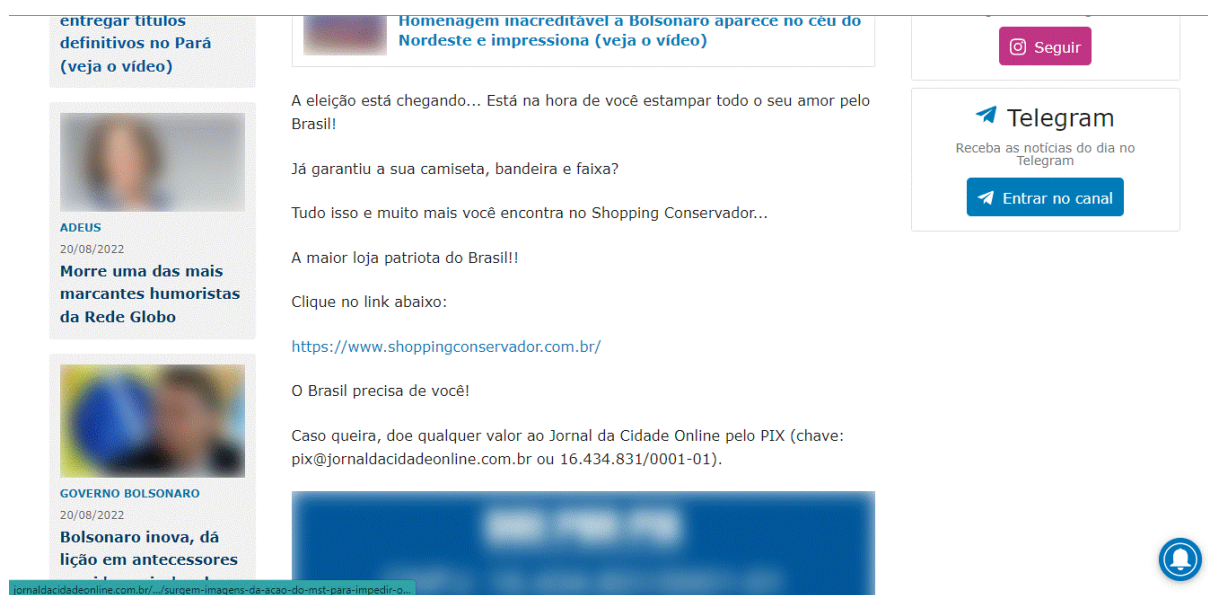
Por meio de um uso intrincado de *debreagens*⁶ de 1º e 2º grau, feitas com uso intercalado de discursos diretos e indiretos, a voz que denuncia a conspiração confunde-se com a voz dos supostos conspiradores, de modo que a interpretação das falas se confunde com as próprias falas: a acusação torna-se confissão. O enunciatório, portanto, é levado a crer que aquilo que o enunciador apresenta como verdade está baseado em fatos e falas fidedignas, de modo que não é o enunciador que denuncia a conspiração, mas os próprios conspiradores que a deixam tornar-se evidente.

O estabelecimento de uma relação de crença e de confiança, na semiótica, além de direcionar a aceitação dos valores e da *visão de mundo* incutida pelo discurso, funciona igualmente para caracterizar a relação do sujeito para com seus destinadores. Assim, para julgar-se obrigado a realizar movimentos narrativos, o sujeito deve ter um mínimo de crença e de confiança na instância que dirige seus fazeres. Exemplo: para respeitar ao próximo e entender esse ato como uma necessidade/obrigação, o sujeito precisa crer nas instâncias sociais, religiosas, jurídicas, enfim, que direcionam esse fazer. Nesse sentido, os trabalhos de Daniel Patte (1985; 1986) apontam possibilidades de passagem da esfera cognitiva para a esfera da ação por meio daquilo que o autor compreende como “modalidades éticas”. Assim, assumindo determinadas certezas que estabelecem a relação fiduciária com o destinador-enunciador, o sujeito passa a crer na necessidade de realizar os fazeres que esse dirige.

Uma constante nas páginas veiculadoras de desinformação é, nesse sentido, a tentativa de transpor o limite entre atos cognitivos (instauração de certezas) e fazeres pragmáticos (ações no mundo). Se na página JTN percebemos o pedido para o compartilhamento das notícias apoiado nessa confiança, a situação apresenta-se ainda mais desenvolvida no site JCO (ver Figura 3). Em primeiro lugar, delimita-se de modo mais explícito perfis para o enunciador e para o enunciatório, caracterizados como patriotas e conservadores. Solicita-se desses enunciatórios, em seguida, a ostentação de símbolos patrióticos e conservadores e, no fim, faz-se um pedido mascarado de doações financeiras (ver figura 6).

⁶ “Mecanismo em que se projeta no enunciado quer a pessoa (eu/tu), o tempo (agora) e o espaço (aqui) da enunciação, quer a pessoa (ele), o tempo (então) e o espaço (lá) do enunciado” (Fiorin, 2000, p. 41).

Figura 6. Encerramento das páginas do site “Jornal da Cidade Online”, em 20/08/2022.



Fonte: Jornal da Cidade Online (2022).

O que se mostra mais curioso, no entanto, é a frase “O Brasil precisa de você!”, na qual o enunciador esconde-se por trás da figura da nação em sua tentativa de manipulação. Assim, dois direcionamentos interpretativos se mostram possíveis: o enunciador é quem precisa da fidelidade do enunciatário-leitor e usa da sensibilidade patriótica para causar essa fidelização, num resultado semelhante ao observado por Discini (2009) sobre os usos de estratégias sensíveis pela imprensa sensacionalista; ou o enunciador espera do enunciatário uma adesão incondicional aos fazeres direcionados, seja implícita ou explicitamente, já que a instância destinadora aparece como incontestável, sincretizada à própria Pátria.

6 Questões do ensino: desmascarando as mentiras e impedindo os fazeres

Diante dessa identificação de elementos fundamentais desses discursos, é possível notar, como aponta Barros, que os discursos desinformativos, de maneira geral, são “discursos do ódio e desencadeadores de ações discriminatórias. Daí esse mundo de mentira e de ódio, em que estamos vivendo hoje, e que precisa ser desmascarado pelo ensino-aprendizagem na escola” (Barros, 2019, p. 13). Vamos adiante nas considerações e entendemos que, para além do ambiente escolar, devem ser pensadas estratégias amplas de conscientização quanto ao papel dos discursos desinformativos como motivadores de atitudes e posturas extremistas. Nesse sentido, como vimos, a aceitação dos discursos mentirosos enquanto verdade visa estabelecer uma relação de confiança em que o sujeito possa ser dirigido a determinados fazeres, qualificando um engajamento. O que esses discursos almejam, em última análise, é movimentar o sujeito de uma posição em que não creia na necessidade de determinados fazeres, uma postura

LINHA D'ÁGUA

alienada, para uma posição em que esses fazeres apresentem-se como obrigatórios e, pela aceleração e tonicidade que marca esses discursos, mostrem-se como urgentes aos olhos desse enunciatório manipulado. Assim, diversos são os desafios que se apresentam para o docente, num entendimento ampliado do que seja educação, para o combate a tais práticas.

O primeiro deles é a desconstrução de parte desse mundo de simulacros em que vivemos. Assim, seja no JCO ou no JTN, é uma imitação visual das próprias instâncias legitimadas do saber a que se deve dirigir a atenção. Desse modo, ainda que uma quantidade considerável de semelhanças com veículos legítimos de imprensa, certos rasgos na normalidade de sua construção nos permitem perceber diferenças: a disposição dos parágrafos, a presença excessiva de anúncios *pop-up*, usos exagerados de letras maiúsculas e recursos tipográficos não padronizados, como já apontados por Barros (2020). Assim, direcionar a atenção a esses elementos dissonantes é um caminho para a prevenção e desconstrução desses discursos.

O desafio principal mostra-se, no entanto, quanto a evitar a passagem da aceitação de um discurso desinformativo para a aceitação indiscriminada de outros, essa sim que dirige os sujeitos ao extremismo e fazeres de ódio. O estabelecimento da confiança, nesse sentido, é que deve ser alvo de combate tanto nos ambientes formais de ensino, quanto nas políticas de conscientização. Assim, mapeando os diferentes recursos de construção da imagem do enunciatório, alguns dos quais aqui demonstrados, mas também mapeados em trabalhos como Gomes (2018; 2019) e Silva (2019), é importante explicitar os esquemas valorativos que propõem os enunciadores, em especial aqueles que, quando aceitam, direcionam posicionamentos extremistas, construindo noções como uma luta do bem contra o mal, sem qualquer permeabilidade a um meio termo e à compreensão e empatia para com o outro.

Considerações finais

O desmascaramento dos discursos desinformativos, de teorias da conspiração, de fake news que entendemos como parte dessa única categoria ampla, como buscamos ter demonstrado, é apenas parte de um grande desafio na formação dos leitores. Por diversos fatores, a desinformação mostra-se como prática já normalizada no meio social. Assim, seja pela semelhança que essas práticas discursivas apresentam entre si, a sua relação com diversos produtos culturais, o uso de estratégias de construção comuns ao do sensacionalismo; todos esses fatores tornam esses tipos discursivos ainda mais difíceis de serem combatidos e mitigados. O trabalho de agências de checagem de notícias, nesse sentido, ainda que fundamental, mostra-se pouco efetivo, visto a desconfiança dos enunciatórios desses discursos justamente em sua legitimidade: o discurso ser desmentido reforça os argumentos dos enunciadores pela paranoia já instaurada. É preciso, portanto, formar e conscientizar leitores das mídias digitais sobre modos de produzir leituras não paranoicas. Pela identificação dos esquemas de valores e dos fazeres direcionados pelo enunciatório, é possível mostrar tanto os aspectos que caracterizariam uma má-fé em suas motivações (pela demanda financeira

implícita), e mesmo a sua postura de exclusão em relação aos saberes legitimados (pela necessidade de compartilhamento em prol de uma verdade mais verdadeira).

Compreender, assim, os modos de sensibilização e de estabelecimento da confiança que permitem, em última análise, a passagem da certeza ao ato, é fundamental para o trabalho docente. Discursos, nesse sentido, ainda que restritos ao mundo da linguagem, e ainda que nossas análises a isso se restrinjam, não estão deslocados de sujeitos “de carne e osso” que agem por crenças discursivamente instauradas. Atentar-se a isso é imprescindível para um trabalho de conscientização eficiente, mesmo porque é isso que permite agir em grupos específicos, que por condições prévias, mostram-se mais suscetíveis a aceitação desses discursos e desses valores. Mostrar aos sujeitos, seja em ambientes formais de ensino ou não, a relação entre o que é dito nos textos e o que isso pode se tornar no mundo extralinguístico se faz urgente para um trabalho de conscientização efetivo. Mentiras e desinformações podem ser feitas de palavras, mas jamais serão apenas isso: serão golpes, serão o ódio, serão a morte.

Financiamento

Andrey Istvan Mendes Carvalho agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa de Iniciação Científica por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) (nº do processo: 164362/2022-3). O autor também agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa de mestrado (nº do processo: 88887.964079/2024-00).

Referências

- ALLCOTT, H; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017. DOI: <https://dx.doi.org/10.1257/jep.31.2.211/>.
- BARROS, D. L. P. de. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola. *Estudos Semióticos*, v. 15, n. 2, p. 1-14, dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.165195>.
- BARROS, D. L. P. de. Fake news e as anomalias. *VERBUM*, v. 9, n. 2, p. 26-41, set. 2020.
- BARROS, D. L. P. de. Contrato de veridicção: operações e percursos. *Estudos Semióticos*, v. 18, n. 2, p. 23-45, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.198279>.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução do Grupo CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada. Bauru/SP: EDUSC, 2003.
- BYFORD, J. Towards a definition of conspiracy theories. In: BYFORD, J. *Conspiracy theories: a critical introduction*. New York: Palgrave Macmillan, 2011. p. 20-37.
- DISCINI, N. *Corpo e estilo*. São Paulo: Contexto, 2015.
- DISCINI, N. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia e literatura*. São Paulo: Contexto, 2009.

LINHA D'ÁGUA

- ECO, U. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2000.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Waldir Bevidas e Luiz Tatit. São Paulo: Humanitas, 2001.
- FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. Tradução de Jean Christtus Portela. São Paulo: Contexto, 2019.
- GOMES, R. S. Crise de veridicção e interpretação: contribuições da Semiótica. *Estudos Semióticos*, v. 15, n. 2, p. 15-30, dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.165198>.
- GOMES, R. S. *Relações entre linguagens no jornal: fotografia e narrativa verbal*. Niterói: EdUFF, 2008.
- GOMES, R. S. Um olhar semiótico da atualidade: a aspectualização a partir de Greimas. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 14, n. 1., mar. 2018, p. 108-116. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.144314>.
- GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: EdUSP, 2014.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1989.
- HOFSTADTER, R. The paranoid style in american politics. In: HOFSTADTER, R. *The paranoid style in american politics and other essays*. Cambridge/MA: Harvard University Press, 1996.
- KALIL FILHO, M. da V. Fake news e democracia: contribuições da semiótica discursiva acerca da verdade e da informação na internet. *Caderno de Letras da UFF*, v. 30, n. 59, p. 205-219, dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22409/cadletrasuff.2019n59a688>.
- KNIGHT, P. *Conspiracy culture: from the Kennedy assassination to The X-Files*. New York: Routledge, 2001.
- LANDOWSKI, E. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: EDUC/PONTES, 1992.
- LANDOWSKI, E. *Interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- MENEZES, L. F. Site desinformador sai do ar após Justiça mandar apagar mentiras sobre vacinas e Aids. *Terra, online*, s.p., 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/checamos/site-desinformador-sai-do-ar-apos-justica-mandar-apagar-mentiras-sobre-vacinas-e-aids,4a772038f92bc9105f2a1e77fb918f1brjkqe059.html>. Acesso em: 03/09/2024.
- PATTE, D. Modalité. In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, v. 2, 1986. p. 141-144.
- PATTE, D. Modalités éthiques: une nouvelle catégorie modale. In: PARRET, H.; RUPRECHT, H.-G. *Exigences et perspectives de la sémiotique: recueil d'hommages pour Algirdas Julien Greimas*. Amesterdã: John Benjamins Publishing Company, 1985. p. 265-272.
- SILVA, L. H. O. da. Interações, leituras e sentidos em tempos de fake news: desafios para a formação de leitores no contexto escolar. *Estudos Semióticos*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 31-45, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.161838>.
- TANDOC JR., E. C.; LIM, Z. W.; LING, R. Defining “fake news”: a typology of scholarly definitions. *Digital Journalism*, v. 6, n. 2, p. 137-145, 2018. DOI: <https://dx.doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>.
- ZILBERBERG, C. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.